

**A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS:
REFLETINDO CRITICAMENTE PARA ENRIQUECER OS PROCESSOS DESDE AS
PRÁTICAS – um convite à Rede Café com Paulo Freire**

Oscar Jara H¹.

Resumo:

Produzir e democratizar o conhecimento é uma necessidade e por isso a Sistematização de Experiências propõe um conjunto de conceitos e de instrumentos que auxiliam a elaboração de reflexões sobre as práticas sociais, sobre as vivências educativas ou das organizacionais. Para tanto, é preciso compreender que sistematizar não é o mesmo que organizar, classificar e catalogar dados, mas interpretar criticamente os processos vividos. Este artigo responde questões-chaves: O que é a Sistematização de Experiências, como, quem e quando podemos sistematizar. Por fim, o Plano de Sistematização e os aspectos metodológicos que precisam ser considerados.

PALAVRAS-CHAVES:

Sistematização de Experiências. Sistematização da Rede Café com Paulo Freire.
Metodologia em Educação Popular.

Os novos desafios de produção de conhecimento que enfrentamos, a partir do reconhecimento da complexidade das novas situações que o contexto atual nos apresenta, exigem cada vez mais a renovação das abordagens e metodologias com que trabalhamos.

Por um lado, a necessidade de promover processos de democratização do conhecimento tanto ao nível da sua produção como da sua circulação, o que implica reconhecer a importância de ter diferentes perspectivas, diferentes práticas realizadas

¹ Educador Popular e Sociólogo. Doutor em educação. Diretor do CEP Alforja na Costa Rica. Presidente do CEAAL- Conselho de Educação Popular de América Latina e o Caribe. www.cepalforja.org
www.ceaal.org

por diferentes sujeitos. Por outro lado, a exigência de aprofundamento e rigor diante da novidade dos fenômenos produzidos por situações inéditas, o que implica desenvolver a capacidade de transcender o descritivo e o narrativo, para gerar um exercício interpretativo e teórico, que não significa a aplicação mecânica de marcos conceituais predefinidos, pois contempla a vitalidade da força da nossa subjetividade.

Esta abertura ao “*sentipensamento*” pessoal e coletivo significa uma ruptura com o modelo positivista de análise e de atendimento às suas regras metodológicas, em especial à defesa de um distanciamento crítico da produção individualista e encapsulada que tem caracterizado o trabalho teórico, sobretudo, na academia.

Trata-se, então, de olhar para trás, para a origem desses processos renovados de produção de conhecimento enquanto nossas experiências. É neles, sobre eles, e a partir deles, que podemos enfrentar novos desafios, construindo apostas epistemológicas e metodológicas relevantes. Uma das propostas que ganhou maior importância nos últimos tempos é a da chamada **Sistematização de Experiências**.

A Sistematização de Experiências, como proposta de produção de conhecimento sobre e a partir de práticas educacionais, organizacionais e de processos sociais comunitários, tornou-se, desde a década de noventa do século passado, uma abordagem de grande interesse em diversas áreas, acadêmicas e não acadêmicas, em processos educativos e organizativos, em entidades públicas, movimentos sociais, organizações não governamentais ou em agências de cooperação internacional.

A formação em teoria e metodologia de Sistematização de Experiências que temos realizado em todas estas áreas, desde uma perspectiva de educação popular, tem como ponto de partida as próprias necessidades e motivações suscitadas por seus protagonistas, projetos e programas que executam. Partimos da convicção de que existe uma riqueza de ensinamentos em experiências concretas que não estamos necessariamente transformando em aprendizado ou conhecimento.

O ativismo ou a preocupação com a mera execução de projetos surge como o principal obstáculo à geração e à construção dessas aprendizagens, às quais deve ser dedicado um esforço reflexivo sistemático e ordenado. É claro que muitas vezes, mesmo que se indique que é muito importante, o tempo necessário para isso não é considerado nos planos dos próprios projetos. Também, claro, são necessárias diretrizes

metodológicas e ferramentas técnicas para que isso seja possível. Partindo deste duplo ponto de partida – tempo e metodologias, estamos convictos de que as experiências contêm aprendizagens múltiplas e ricas que devem ser identificadas, descobertas e explicitadas, por isso, há a necessidade de orientações e ferramentas claras.

Temos explorado caminhos possíveis e viáveis para sistematizar experiências, uma vez que estamos definindo o rumo dos processos de capacitação que realizamos em vários países latino-americanos e em outras regiões do mundo. Neste sentido, apresentamos a abordagem conceitual e metodológica com a qual temos trabalhado, bem como algumas reflexões propositivas sobre as pistas que se abrem em diferentes áreas quanto à importância e viabilidade dessa abordagem para a produção de conhecimento a partir das práticas.

O que entendemos por Sistematização de Experiências

Do ponto de vista conceitual, é necessário diferenciar o que comumente se entende por "sistematização": referindo-se a ordenar, classificar, catalogar dados e informações dispersas, a partir do que entendemos mais complexamente como Sistematização de Experiências, isto é, como uma interpretação crítica dos processos vividos que, a partir da sua ordenação e reconstrução, permitem identificar aprendizagens significativas que devem ser comunicadas e partilhadas para alimentar a própria experiência ou para inspirar outros numa perspectiva transformadora. Este segundo significado sempre ligado às "experiências" implica em um exercício intelectual de múltiplas tarefas: registro, descrição, reconstrução, organização, análise, síntese, interpretação, comunicação. Em suma, implica em realizar um processo de teorização a partir de experiências vividas que requer um procedimento rigoroso e, portanto, sistemático.

Os processos de formação teórica e metodológica de Sistematização de Experiências que estamos promovendo em diversos espaços, são realizados a partir de uma abordagem de Educação Popular, desde uma perspectiva de educativa libertadora, horizontal e dialógica que visa construir conhecimentos transformadores e desenvolver capacidades de mudança social e pessoal. Trata-se de um exercício de teorização, a partir da prática comprometida com processos transformadores, que reforça e consolida

nosso trabalho como protagonistas de uma História a construir, a partir dos interesses, necessidades, aspirações e propostas das maiorias populares que sofrem assimetrias em nossas sociedades.

Por isso, as Sistematizações de Experiências têm um duplo sinal de compromisso com os setores oprimidos, marginalizados, excluídos ou discriminados de nossas sociedades. Por um lado, porque esses programas e projetos significam compromisso com problemas sociais, a fim de contribuir para superá-los e, mais ainda, sistematizá-los para gerar uma aprendizagem significativa, fortalecendo a compreensão crítica e propositiva por parte das pessoas que são os sujeitos participantes dessas experiências. Este último leva a promover um diálogo entre saberes populares e saberes acadêmicos ou teóricos, que se entrelaçam nos processos de formação, dinamizando, ao mesmo tempo, a dimensão investigativa e o enriquecimento da dimensão docente.

Alguns aspectos fundamentais da concepção com a qual trabalhamos são:

- A Sistematização das Experiências como uma interpretação que se baseia na ordenação e reconstrução do ocorrido realmente. Ou seja, é o resultado de um complexo esforço de localização, descrição, narração, organização dos elementos, análise e reflexão sobre a experiência vivida.
- Esta interpretação procura identificar a lógica do processo: onde, como e porque os diferentes fatores da experiência se relacionaram de uma determinada forma ao longo da experiência; quais foram os fatores mais ativos e determinantes e quais foram os mais dependentes ou secundários: quais continuidades, descontinuidades, contradições e rupturas ocorreram no processo e porque ocorreram. Que fases ou etapas teve a experiência e porque foi possível passar de uma para a outra.
- A interpretação produz conhecimento crítico e aprendizagem significativa, a partir da particularidade do vivido nas experiências e por parte de quem as viveu. Isso implica, muitas vezes, que conseguimos perceber novas dimensões e perspectivas que estiveram presentes em nossas experiências, mas não as percebemos ou reconhecemos. A Sistematização das Experiências permite nos

apropriar criticamente do sentido da experiência, não porque já existia de antemão, mas como “fazer nosso” o sentido da nossa prática. Por isso, torna-se uma construção crítica e consciente do sentido da experiência, o que permite não só compreendê-la em seus fundamentos e tramas invisíveis, mas também nos dar pistas para sua orientação transformadora para o futuro.

Isso implica em reafirmar que somos sujeitos da História e não simplesmente objetos que nela atuam, como propõe Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (2017) e em *Pedagogia da Autonomia* (1996). A Sistematização das Experiências torna-se condição de possibilidade para que possamos compreender teoricamente a particularidade das experiências e podermos assumi-las em nossas mãos com uma intencionalidade transformadora.

Por isso, a Sistematização de Experiências pode reforçar o compromisso transformador do trabalho social e político, contribuindo para a produção de um conhecimento alimentado a partir da riqueza da realidade econômica, social, política e cultural em que organizações, universidades e movimentos estão inseridas, bem como para que os processos de mudança social tenham como protagonistas os setores sociais das comunidades.

Uma proposta metodológica flexível e viável para viabilizar a sistematização

Nos processos de formação em Sistematização de Experiências que temos coordenado nos últimos anos, não nos baseamos por processos de análise lineares como se fossem uma receita a ser seguida, pois levamos em conta uma proposta metodológica orientada por um *Plano de Sistematização* que contempla o que segue:

- a) Delimitar o objeto ou experiência a sistematizar (em tempo e lugar), identificando a prática específica, seus atores e condições e o período que servirá de base para a construção da aprendizagem.
- b) Definir um objetivo preciso a ser alcançado como resultado desta sistematização.

- c) Especificar um eixo em torno dos aspectos centrais da experiência que mais nos interessam e, portanto, tornar-se um fio condutor para a leitura da experiência.
- d) Identificar as fontes de informação disponíveis: documentais, fotográficos, sonoros, registros audiovisuais, entre outros, que teriam que ser alcançados para abordar um conhecimento completo do processo de experiência passada.
- e) Formular os procedimentos, técnicas e atividades a serem realizadas, determinando responsabilidades, datas e produtos, bem como prevendo um orçamento que permita concretizar o processo de sistematização.

Uma vez traçado o plano, apresentamos ainda:

- a. Recuperação do processo vivido.
- b. Interpretação crítica do processo vivido.
- c. Análise, síntese, teorização.
- d. Conclusões, comunicação, partilha, devolução.

A recuperação do processo vivido passa por olharmos a experiência como um processo, a partir de registros e fontes, de identificar suas etapas, atores, inter-relações. Para isso, as informações deverão ser ordenadas, sendo que a reconstrução histórica deverá ser feita a partir do eixo de sistematização formulado. Essa recuperação do processo é a base para desenvolver um trabalho de análise de diferentes aspectos separadamente e de fazer *sínteses e inter-relações* entre os elementos encontrados.

A interpretação crítica é o momento-chave e substantivo do processo vivido, pois, neste momento, normalmente, surgem descobertas de vários tipos que não havíamos percebido quando ocorreram ou que agora são visíveis porque relacionamos pela primeira vez vários aspectos que ocorreram durante as experiências que tínhamos visto isoladamente. Este momento, que se caracteriza por permitir “distanciar-se” do ocorrido para o olhar criticamente, e que nos permite ter um olhar panorâmico e de conjunto, cria as condições para não só fazer uma descrição ou uma narração do que aconteceu, mas para construir uma compreensão de fundo.

Desse modo, abre-se um outro momento específico de análise, teorização, abstração, compreensão das causas, fatores comuns e diversos, tensões e contradições

que marcaram esse processo e o definiram – a partir da reconstrução do processo vivido. Isso nos permite derivar, portanto, para a formulação de conclusões, aprendizados e recomendações para os próximos momentos.

Por fim, essas formulações devem ser comunicadas, compartilhadas, colocadas em debate para gerar novos argumentos, consensos e orientações, para sugerir propostas e linhas de ação para o futuro. É aqui que a Sistematização de Experiências permite não só “apropriar-se da experiência passada”, mas “apropriar-se do futuro”, orientando com maior capacidade e projeção o que se propõe e se recomenda fazer. Com tudo isso é possível produzir um documento síntese que recolha o mais importante do processo e dos aprendizados. Podem ser artigos, folhetos, fotografias, gravações, vídeos, depoimentos, matrizes de recuperação do processo ou outros tipos de produtos comunicativos, seja para devolver às pessoas participantes da experiência ou para compartilhar com outras pessoas, grupos, organizações ou movimentos com experiências semelhantes. Cada produto de sistematização implica um intenso trabalho de ordenação, reflexão, aprendizagem e troca.

Importância de abrir novas trilhas

Apesar de existir um percurso de vários anos nesta área, cada nova experiência formativa gera aprendizagens diferentes, uma vez que se conhece novas situações limites, requerendo, portanto, a construção de alternativas metodológicas adequadas às condições contextuais e ao aprofundamento de novos temas. Desse modo, tendências de ativismo que não deixam tempo para reflexão vão sendo gradativamente superadas, assim como à elaboração de relatórios puramente descritivos e narrativos que não incorporem reflexões críticas. Nesse sentido, o ativismo crítico, reflexivo, contribui para superar a distância entre o diálogo de saberes que ocorre nas experiências de organização e participação social e os saberes produzidos nos processos investigativos.

Nos últimos tempos, é crescente o número de projetos que, em seus planejamentos, incorporam momentos específicos, recursos humanos e materiais destinados à Sistematização de Experiências, reconhecendo-a como um exercício interpretativo crítico, intimamente ligado ao andamento dos projetos e não como uma tarefa externa, específica ou isolada dos processos. Cada nova formação e vivência

formativa em Sistematização de Experiências é, na realidade, um incentivo e uma ótima oportunidade de aprendizado para quem as propõe.

Referências bibliográficas

Biblioteca Virtual de Sistematização de Experiências - CEAAL, Conselho de Educação Popular da América Latina e Caribe. <http://ceaal.org/v3/bibliovplas/>

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 64^a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2017.

Jara, O. ***A sistematização de experiências, prática e teoria para outros mundos possíveis***. Brasília, CONTAG, 2013.